

A EXPRESSÃO DA TEMPORALIDADE NO DISCURSO DE LE GRAND ROUTIER DE MER

Rita Maria Ribeiro Bessa¹

RESUMO: As gramáticas normativas da língua francesa limitam as análises da noção de tempo à tripartição presente, passado ou futuro, dificultando, assim, a possibilidade de conceber as formas verbais como operadores discursivos passíveis de diferentes interpretações. As teorias da temporalidade e da função das formas verbais na língua francesa apresentam os pressupostos necessários para a ampliação do quadro de análise da noção temporal na expressão do falante, isto é, no discurso. Conceitos como referência temporal, função das formas verbais e situações comentadoras são fundamentais na perspectiva teórica adotada. O corpus selecionado é constituído pelos textos franceses do piloto Diogo Afonso traduzidos por J. H. van Linschoten e publicados em 1610 em *Le grand routier de mer*. As análises apresentarão as formas verbais mais frequentes no discurso francês de *Le grand routier de mer*, como também as conclusões resultantes da aplicação das teorias acima mencionadas.

Palavras-chave: Temporalidade; Formas verbais; Situações comentadoras

INTRODUÇÃO

A noção de tempo no discurso não se reduz a divisões cronológicas: presente, passado ou futuro, tal como é feito, comumente, pelas gramáticas tradicionais da língua francesa. O tempo, na perspectiva discursiva adotada nesta comunicação, revela a condição de intersubjetividade da comunicação lingüística (BENVENISTE, 1995, p. 284-9). Suas divisões próprias são compreendidas nos atos de fala. Desta forma, ele se define e se orienta como função do discurso.

O conceito de temporalidade vai permitir que se torne mais clara a noção de tempo que se pretende adotar nas análises que serão feitas dos roteiros de navegação da Carreira da Índia escritos pelo piloto português Diogo Afonso e traduzidos e publicados em língua francesa por J. H. van Linschoten em 1610 em *Le Grand routier de mer* (LINSCHOT, 1610, p. 3-19).

A teoria das funções das formas verbais (WEINRICH, 1968, p. 42-51) vai propiciar uma nova leitura do papel que as formas verbais na língua francesa desempenham no discurso de *Le grand routier de mer*. Serão apresentados os percentuais das formas verbais encontradas em maior número no corpus selecionado, seguido da análise de exemplos. As considerações finais constarão de alguns resultados obtidos em pesquisa realizada sobre *O Discurso francês de Diogo Afonso em Le grand routier de mer*, como requisito para obtenção do grau de Mestre em Lingüística Histórica na Universidade Federal da Bahia.

A EXPRESSÃO DA TEMPORALIDADE

A temporalidade é uma categoria dêitica, orientadora de situações no discurso lingüístico, seja em relação a um ponto central, denominado ponto de origem ou a outras situações.

¹ Graduada em Letras pela UCSAL, Mestre em Lingüística pela UFBA, Doutoranda em Lingüística pela UFBA, Professora da Universidade Estadual de Feira de Santana, Membro no Núcleo de Estudos em Análise do Discurso – UCSAL. E-mail : rita_bessa@uol.com.br / tel: 33478395 / 33478668

E. Benveniste (1995, p. 289) fala da expressão da temporalidade. Segundo ele, seja qual for o tipo de língua, existe uma organização lingüística da noção de tempo. Sempre é possível distinguir um passado e um futuro, separados pelo *presente*, como na língua francesa; ou um presente-passado oposto ao futuro, ou, ainda, um presente-futuro que se diferencia do passado, porém a referência será sempre o *presente*, que tem como princípio a coincidência do acontecimento descrito com a instância enunciativa. E. Benveniste (1995, p. 277) mostra, assim, que o tempo do discurso está organicamente ligado ao exercício da fala: ele é gerado a partir da instância da enunciação, ou seja, dos atos cada vez únicos nos quais o sujeito utiliza e atualiza a língua.

Ao falar do *presente*, E. Benveniste (1995, p. 289) diz que é a partir da enunciação que se instaura a categoria do *presente* e desta é que nasce a categoria do tempo. O *presente* é a fonte que gera o tempo. Ao invés de defini-lo como o tempo do verbo que expressa o momento em que se está, melhor seria concebê-lo como o instante em que se fala. Este passa a ser o momento eternamente *presente*, apesar de não se referir jamais aos mesmos acontecimentos, pois ele é determinado cada vez por aquele que fala para cada uma das instâncias de discurso referidas. Desta forma, de experiência subjetiva, o tempo passa a se apresentar ancorado enunciativamente em um *eu* que é inseparável de um *agora* atemporal que significa o presente da instância enunciativa.

Para E. Benveniste (1995, p. 289), o tempo do discurso não se encerra em uma divisão cronológica ou em uma subjetividade solipcista. Todas as variações do paradigma verbal: aspecto, tempo, gênero e pessoa resultam dessa atualização e dessa dependência em face da instância do discurso, principalmente o tempo do verbo, que é sempre relativo à instância na qual figura a forma verbal.

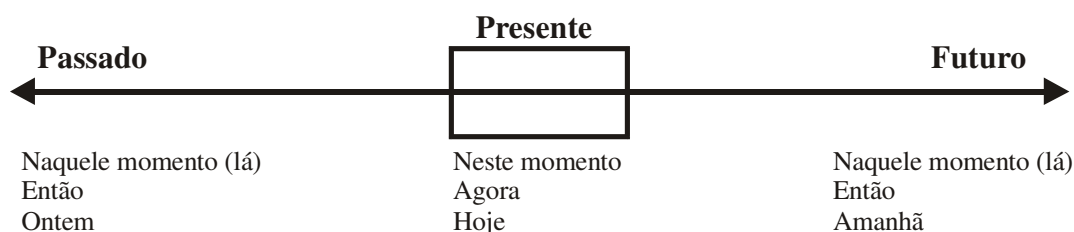
Recuando no tempo, esta possibilidade de leitura e compreensão do *presente*, como fonte geradora do tempo, já era apontada em Santo Agostinho quando mencionou, nas *Confissões*, ao tratar de *O Homem e o tempo*, no Livro XI:

O que agora claramente transparece é que nem há tempos futuros nem pretéritos. É impróprio afirmar que os tempos são três: pretérito, presente e futuro. Mas talvez fosse próprio dizer que os tempos são três: presente das coisas passadas, presente das presentes, presente das futuras. Existem, pois, estes três tempos na minha mente que não vejo em outra parte: lembrança presente das coisas passadas, visão presente das coisas presentes e esperança presente das coisas futuras. Se me é lícito empregar tais expressões, vejo então três tempos e confesso que são três.

Diga-se também que há três tempos: pretérito, presente e futuro, como ordinária e abusivamente se usa. Não me importo nem me oponho nem critico tal uso, contanto que se entenda o que se diz e não se julgue que aquilo que é futuro já possui existência, ou que o passado subsiste ainda. Poucas são as coisas que exprimimos com terminologia exata. Falamos muitas vezes sem exatidão, mas entende-se o que pretendemos dizer. (SANTO AGOSTINHO, trad. de J. Oliveira Santos e A. Ambrósio de Pina, 2001, p. 284).

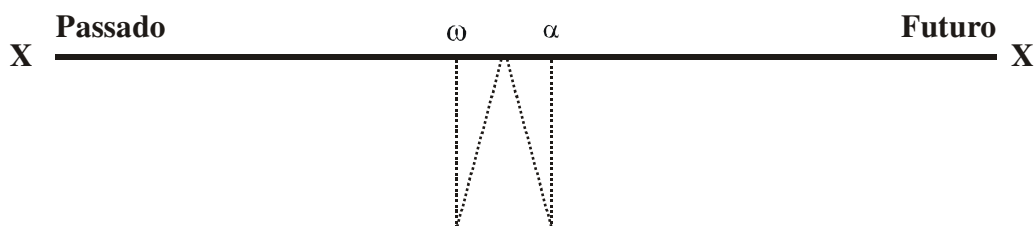
Dentre os estudiosos que defendem esta possibilidade de compreensão da noção de tempo, cabe citar, também, B. Pottier (1977, p. 237-8) quando fala sobre a organização do tempo pelo locutor sobre um eixo contínuo. Ele emprega o conceito de épocas, apontando, porém, a existência de uma referência que é o ponto zero ou o *agora*, que é também o *presente*. Assim, a sua representação seria:

Fig. 1 – A dêixis temporal segundo B. Pottier



Este instante denominado *presente* é definido por B. Pottier (1977, p. 237-8) a partir do conceito que a ele havia sido atribuído na teoria de G. Guillaume (1970, p. 51-75), segundo o qual, o *presente* não coincide necessariamente com o presente verdadeiro. Na sua representação sobre o eixo temporal ou cronogenético, o *presente* apresenta dois recortes que vão separá-lo do passado e do futuro. O primeiro corte (ω), no âmbito do passado, traz uma parte deste passado, assim como o (α), do futuro, guarda uma parcela deste futuro.

Fig. 2 – Características da imagem-tempo segundo G. Guillaume



Desta forma, o presente passa a ser entendido como uma referência em que aparecem justapostos o instante que acaba de passar, que existiu efetivamente, e aquele que vai ocorrer e que G. Guillaume (1970, p. 51-75) chama de virtual. Na sua concepção do presente, estas duas parcelas temporais são inseparáveis e passa a ser o lugar de uma incessante conversão do tempo que traz na sua natureza as marcas de retrospectção ou de anterioridade e de prospecção ou de posterioridade.

As situações comunicativas podem se apresentar, segundo esta perspectiva, como anteriores, simultâneas ou posteriores ao ponto que corresponde à sua referência. O ponto zero coincide, em geral, com o momento da enunciação, porém o falante pode deslocar a referência em qualquer uma das direções possíveis, isto é, situá-la no *não- agora*, que corresponde à anterioridade e à posterioridade relativas ao *presente*, no eixo de temporalidade.

Cabe ressaltar que os termos anterioridade, simultaneidade e posterioridade apresentados na teoria da temporalidade lingüística não significam o mesmo que passado, presente ou futuro.

Em perspectiva teórica semelhante, H. Weinrich (1968) desenvolve a teoria das funções das formas verbais na língua francesa cujos pressupostos irão respaldar as análises feitas no discurso francês de *Le grand routier de mer* (LINSCHOT, 1610, 3-19).

A TEORIA DA FUNÇÃO DAS FORMAS VERBAIS NA LÍNGUA FRANCESA

Ao tratar das formas verbais, H. Weinrich (1968, p. 42-51) emprega critérios que divergem daqueles apresentados, tradicionalmente, pelos gramáticos, para a estruturação do sistema temporal da língua francesa. Segundo ele, é inegável reconhecer a pertinência de

determinados aspectos do paradigma temporal, como a divisão entre as formas verbais simples e compostas, assim como o limite combinatório, nas orações complexas, determinado pela concordância dos tempos ou *consecutio temporum*. Porém, estes são insuficientes para traduzir as possibilidades expressivas do falante.

Na sua teoria, ele diz que, em casos diversos do uso da língua, as concordâncias entre as formas verbais não seguem as regras de costume, no entanto, não podem deixar de ser admitidas pela gramática, pois o contexto no qual são empregadas as justifica. Sugere então que, ao se tratar das formas verbais, seja mantido o princípio da concordância entre elas, porém, esta se fará de acordo com a situação de comunicação que, na sua perspectiva, são duas, a *comentadora* e a *narradora*. A natureza do próprio ato de comentar, assim como de narrar, propiciará a formação de grupos de formas verbais afins. A fronteira que vai se estabelecer entre os dois grupos de formas verbais que caracterizam estas situações, não é temporal no sentido cronológico, mas parte do conteúdo que elas vão expressar. Como formadoras do grupo das narrativas do *mundo comentado* ou do *mundo narrado*, as formas verbais têm apenas estas funções.

Segundo a teoria de H. Weinrich (1968, p.42-51), a cada grupo de formas verbais corresponde uma atualidade ou esfera de ação. No caso do grupo temporal comentador que caracteriza o discurso de *Le grand routier de mer* (LINSCHOT, 1610, p.3-19), a esfera de ação é a do eu-*aqui-agora*. A concepção de tempo, assim concebida, passa a ser filtrada pela subjetividade do sujeito que fala.

As formas verbais da língua francesa que pertencem ao grupo das narrativas do mundo comentado fazem parte do modo indicativo e são o *Présent*, *Présent Continu*, *Futur Simple*, *Futur Proche*, *Futur Antérieur* e *Passé Composé* (WEINRICH, 1968, p. 52).

A tabela a seguir mostra os dados registrados e o índice percentual de formas verbais encontrados no discurso francês em *Le Grand routier de mer*:

Tab. 2 - Registro e índice percentual das formas verbais no discurso dos textos de *Le Grand routier de mer*

Formas Verbais		Présent de l'indicatif		Futur Simple		Passé Composé		Impératif Présent		Futur Proche		Futur Antérieur	
nº	%	nº	%	nº	%	nº	%	nº	%	nº	%	nº	%
375	100	223	59,5	76	20,3	11	2,9	63	16,8	1	0,3	1	0,3

Estas formas verbais foram encontradas em situações características dos roteiros de navegação, a saber, indicação das rotas, descrições dos sinais encontrados e naquelas que J.H. van Linschoten acrescenta ao seu discurso, como as suas observações, os conselhos que dá, as explicações detalhadas e, sobretudo, as advertências.

A forma verbal do *présent de l'indicatif* foi registrada em maior número nos textos do corpus, confirmando aquilo que é dito na teoria de H. Weinrich (1968, 71-75) sobre esta forma verbal ser a mais empregada e a principal das narrativas do mundo comentado. Na maioria das situações comentadoras, esta forma verbal se apresenta com valor prospectivo:

Au cours du Bresil vers le Cap de Bonne Esperance, vous vous trouvez tousiours suivi de sorte oiseaux, lesquels vous perdez venant droitement à la veue dudit Cap. Vous y voyez aussi parfois des oiseaux noirs cõme Corbeaux, comme a esté dit ci dessus: afin que vous puissiez tant plus asseurement cognoistre quand vous estes en dedans du Cap asçavoir du costé Oriental des Indes. (LGRM, p. 5, L. 22-7).

Et pour tenir le coste de mer de l'Isle de Brandaon, vous *pouvez* prendre vostre cours entre les Isles dos yrmaos qui *gisent* a quatre degrez au Sud, & dela vous *pouvez* ordonner vostre cours vers les Isles de Pedro Mascarenas, poursuivant ainsi vostre chemin [...] (LGRM, p. 16, L. 14-8).

On *trouve* aussi autour de dites Isles de Tristan da Cunha & du Cap de Bonne Esperance certains loups de mer: mais vous trouvant en ceste contree là sur la fin de Iuin, il *peut* bien advenir que vous n'y en *voyez* point, a cause de la froidure qui les *fait* retirer au dessous du pays. (LGRM, p. 4, L. 51- p. 5, L. 1-2).

A forma verbal do *futur simple*, prospectiva em sua essência, alterna com aquela do *présent de l'indicatif*:

Allant de Lisbonne en l'Isle de Madere vous *dresserez* vostre cours au SudOuest, & *irez* reconnoistre l'Isle de Porto Santo, & de là *singlerez* entre l'Isle Deserte & Madere, vous gardant des petites Isles ou escueils nommez Os Salvagiens qui *gisent* à deux lieues de Madere au SudOuest, car il n'y a là que bancs qui de nuit *sont* fort dangereux: On *peut* passer le loing d'iceux du costé de l'Est, tenant vostre cours vers les Canaries. (LGRM, p. 3, L. 1-7).

Pour cognoistre si vous *estes* pres des dites Isles, vous *aurez* ces signes, asçavoir certains oiseaux volans ensemble cinq a cinq: & de la plus outre vous *verrez* d'autres oiseaux nommez Feigiens par les Portugais, & iceux tachez de marques blanches & noires. Estant Sud & Nord à l'endroit de ces Isles vous *verrez* flotter sur l'eau certaine espece d'herbe appelle par les Portugais Sargasso, semblable a peu pres à celle qui *se trouve* pres de Wieringhen en Hollande. (LGRM, p. 4, L. 16-22).

& si alors il estoit midy sur le quadran, ou qu' il n'y eust difference que d'un fil, c'est un bon signe en voyage de Portugal aux Indes tant au aller qu'au venir, & les aiguilles des quadrans *sont* fixes & egales: Que si elles *declinent* de l'un ou de l'autre costé, elles *tourneront* au NordEst, ou au NordOuest apres que vous serez parti de la Ligne Meridionale: autant y a il pareillement de difference sur la monstre. (LGRM, p. 18, L. 24-30).

O *présent de l'impératif* é empregado nas situações de informação, orientação sobre as rotas e advertências. Nestas últimas, esta forma verbal expressa uma obrigação.

Apesar de H. Weinrich (1968, p. 347- 63) não incluir o *présent de l'impératif* no grupo de formas verbais relativas à narrativa do mundo comentado, ele diz que esta forma é aparentada estruturalmente com as formas verbais comentadoras na língua francesa, não reconhecendo nela, entretanto, a noção de perspectiva.

Nos exemplos seguintes, porém, o *présent de l'impératif* apresenta o mesmo valor prospectivo que o *présent de l'indicatif* e o *futur simple*, registrando-se alternância de uso entre eles:

Le seiziesme degré n'estant point passé, vous *pouvez* aussi singler entre les susdits bancs & l'Isle de Brandaon, & venant à la hauteur *ne faites pas* difficulté de perdre une nuit, pour ainsi aller plus seurement: & prendre garde que quand vous *trouvez* plusieurs Garagians & autres oiseaux marquetez volans en troupe, vous *estes* quarante lieues outre la dite Isle. (LGRM, p. 18, L. 8-15).

Si vous *desirez* singler sur la rade de Moçambique, vous *devez* passer à l'entree les deux petites Isles de S. George, & S. Iaques, lesquelles vous *lairrez* du costé du SudOuest, vous esloinant quelque peu de celle de S. George sur la profondeur de six & sept brasses, poursuivant ainsi vostre cours iusques en dedans, *prenez* tousiours de pres *garde* aux bancs sur lesquels vous *voyez* l'eau se rompre iusques a ce que vous soyez devant l'Isle & forteresse de Moçambique. (LGRM, p. 7, L. 11-7).

Quand vous *partez* de Cochin pour tenir la route de Portugal, *faites* tousiours *vostre mieux* de singler en la hauteur de dix degrez & demi iusques a cinquante lieues delà au Ouest SudOuest, tellement que vous veniez iusques a dix degrez tout au plus, qui *est* la hauteur des Isles Memales: car les courans vous *tireront* tousiours vers le milieu du Canal qui *est* entre ces Isles & les Maldives a neuf degrez & demi: lors *pouvez* vous passer au large sans voir aucune de ces Isles: & *allez* tousiours asseurement la hauteur de neuf degrez & un quart, combien qu'es cartes plusieurs fausses Isles & soyent remarquées. (CNI, p. 16, L. 1-9).

O *passé composé* da língua francesa é a forma verbal que apresenta o valor retrospectivo em relação ao *agora* do mundo comentado:

S'il vous advenoit que vous vous trouvissez environ le dixiesme de May peu plus ou moins en la contree des dites Isles de Tristan da Cunha, vous ne passerez point au dessus de trentecinq degrez, à l'occasion des vents de Ouest qui en ce temps la sont forts vehemens & impetueux, notamment au temps de la nouvelle Lune: ce qui vous pourroit bien faire rebrousser chemin, comme il advint au Navire de Bon Iesus, qui fut engloti des vagues par la force et furie du vent, comme *moy* aussi *ay veu* advenir le mesme a Diego Alfonso, estant sur le Navire de S. Claire. (LGRM, p. 5, L. 3-10).

& quãd vous en avez la hauteur et longueur, ayant passé le cap de Palmas, allant de lof faites des courtes traites, açavoir sous la Ligne, ou du costé de ça, afin que les courans ne vous entraînent point en dedans le dit Cap: & avalez tous vos voiles plustost qu'en venir là, car vous ne vous pouvez point autrement garantir, ni faire le voyage des Indes. *Je* vous *ay déclaré* ci dessus ce que vous ferez estant centquarante lieues sous la Ligne: alors vous singlerez le travers d'icelle pour passer le Brésil: car suivant le cours sus déclaré vous ne pouvez faillir de le passer [...] (LGRM, p. 3, L. 18-25).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pretendeu-se, nesta comunicação, analisar formas verbais características do discurso francês dos Roteiros de Diogo Afonso, traduzidos por J. H. van Linschoten, em *Le grand routier de mer* (1610). Foram adotadas as teorias da temporalidade e das funções das formas verbais na língua francesa para uma nova leitura da noção de tempo.

As divisões cronológicas de passado, presente e futuro foram substituídas pelo conceito de temporalidade, cuja premissa fundamental é situar as situações comunicativas em relação ao *agora* que é o *presente da instância da fala*, atemporal por natureza. A teoria de H. Weinrich (1968) apresentou as diretrizes para as análises das funções das formas verbais no discurso dos roteiros, como operadores que expressam as atitudes do falante. As formas verbais analisadas

nos roteiros, a saber, o *présent de l'indicatif*, o *futur simple*, o *présent d'impératif* e o *passé composé* confirmaram a classificação de H. Weinrich (1968, p. 52) segundo a qual estas formas verbais caracterizam as narrativas do mundo comentado, cujo eixo de ação é o *eu-aqui-agora*.

REFERÊNCIAS

BENVENISTE, Émile. **Problemas de lingüística geral I**. Trad. de Maria da Glória Novak e Maria Luisa Néri. 4. ed. Campinas: Pontes, 1995.

GUILLAUME, Gustave. **Temps et verbe: théorie des aspects, des modes et des temps**. Paris: Honoré Champion, 1970.

LINSCHOT, Jean Hvgves de. Le grand routier de mer. Nouv. trad. De flameng en François. In: Id. **Histoire de la navigation au Indes Orientales; contenant diverses description des lieux iusques à présent découverts par le portugais....** 2. éd. agm. Amsterdam: Chez Evertsz Cloppenburch, p. 3-8 e 16-19.

POTTIER Bernard. **Lingüística general**; teoría y descripción. Trad. por María Victoria Catalina. Madrid: Editorial Gredos.

WEINRICH, Harald. **Estructura y función de los tiempos en el lenguaje**. Vers. esp. de Federico Latorre. Madrid: Gredos, 1968.